

OS FUNDAMENTOS ÉTICOS DA PEDAGOGIA LIBERTADORA SEGUNDO PAULO FREIRE

Jaime José Zitkoski¹
Sérgio Trombetta²
Júlia Estefani Alves³

RESUMO

O trabalho consiste em uma reflexão teórica ancorada na discussão da filosofia sobre os fundamentos éticos da educação. O objetivo central é refletir sobre a necessidade nos dias atuais de problematizarmos as razões das crises que enfrentamos no campo da política, da economia, da cultura e da vida em sociedade, para que possamos debater o papel da educação e as alternativas de uma nova formação humana, para além da mera funcionalidade dos sistemas hegemônicos. A metodologia de análise constitui-se em um estudo bibliográfico a partir da discussão da obra de Freire em diálogo com outros autores da contemporaneidade. O estudo aponta que a maior crise que sofremos hoje é a crise ética. Ou seja, dos fundamentos da civilização contemporânea, que não se sustentam em bases sólidas diante dos desafios mais radicais postos para a existência humana e da vida em sociedade.

Palavras- Chave: Ética; Educação; Paulo Freire; Libertação

ABSTRACT

The work consists of a theoretical reflection anchored in the discussion of philosophy on the ethical foundations of education. The central objective is to reflect on the current need to problematize the reasons for the crises that we face in the field of politics, economy, culture and life in society, so that we can debate the role of education and the alternatives of a new human formation, besides the mere functionality of hegemonic systems. The methodology of analysis is a bibliographical study based on the discussion of Freire's work in dialogue with other contemporary authors. The study points out that the biggest crisis we face today is the ethical crisis. That is, from the foundations of contemporary civilization, which are not

¹ Professor de Filosofia da Educação da UFRGS na Pedagogia e Professor do PPG de Educação da UFRGS na Linha de Pesquisa Educação, Culturas e Humanidades.

² Professor de Filosofia da Unisinos e Faccat. Mestre em Filosofia pela PUCRS.

³ Diretora da EMEI Vovô Ritter Igrejinha, RS.

based on solid foundations in the face of the most radical challenges imposed on human existence and life in society.

Keywords: Ethics; Education; Paulo Freire; Launch

1 - Introdução

A concepção da *Ética Universal* em Freire está diretamente relacionada com a sua visão de *natureza humana*, que se faz e refaz na história. É o saber da História como possibilidade e não como determinação e do ser humano como potencialidade para ser sempre mais que fundamenta todo o processo educativo. O mundo não é algo pronto, acabado. O Mundo está sendo em um movimento que carrega possibilidades para os inéditos viáveis. A sua interpretação radicalmente dialética sobre a vida humana que, enquanto presença no mundo, vai se gestando na história, a partir da intervenção nas realidades constitutivas do próprio mundo, é o fundamento para conceber uma ética universal do ser humano. A busca de humanização do mundo, que faz da natureza humana uma constante busca do *ser mais*, revela em nós, seres em construção, uma existência radicalmente Ética a serviço das gentes e da sua crescente humanização dentro de estruturas justas.

Nesses termos, Freire defende a universalidade da Ética Humana:

Quando falo, porém, da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana. Ao fazê-lo estou advertido das possíveis críticas que, infiéis ao meu pensamento, me apontarão como ingênuo e idealista. Na verdade falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como de sua natureza constituindo-se social e historicamente(FREIRE, 1997, p.20).

O ser humano não só está no mundo, pois não é um ser passivo que somente se adequa a realidade. Ao contrário, é um ser de escolhas, de decisão e, por isso mesmo, se tornou uma *presença consciente no mundo* que tem um modo especial de ser projetado para suas possibilidades históricas. Ou seja, a autenticidade da existência humana está diretamente relacionada ao fato de que, enquanto presença no mundo, o ser humano não só está no mundo de modo passivo e fatalista, mas intervém nele, transforma-o, toma decisões, rompe com o já feito, avalia, constata e também sonha com um mundo diferente. Ao longo

da história nos tornamos capazes de reinventar o mundo e não apenas de reproduzi-lo. O ser humano é um ser da intervenção, por isso mesmo, deve registrar suas marcas de sujeito capaz de história individual e coletiva.

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar a genuinidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra (FREIRE, 2000, p. 43).

Este movimento na direção do ser mais impõe a educação o imperativo de agir tendo em vista a transformação das estruturas opressoras e um constante processo de humanização do nosso ser no mundo. Mudar é sempre difícil, mas é possível. “É no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude” (FREIRE, 1997). Vivendo a história como possibilidade e capazes de comparar, de escolher, decidir e romper com o que está dado, que os seres humanos eticizam o mundo, podendo, por outro lado, tornar-se transgressores da própria ética.

2- A não neutralidade ética no desafio da luta por humanização

A partir do fato de que a natureza humana não está pronta (por que não é um *a priori* da história), nós, seres humanos, estamos em constante busca para realizar nossa *vocação ontológica* e nos tornarmos mais gente, que implica, da mesma forma, gentificar (humanizar) o mundo (FREIRE, 1993, 1994, 1997). No entanto, essa busca de humanização de nós mesmos e do mundo, que é uma marca da natureza humana segundo Freire, não significa que a humanização seja de fato algo, absolutamente certo e automaticamente realizável na história. A negação do *ser mais* enquanto vocação ontológica do ser humano também é possível, tanto que é um fato concreto na história. Esse fato demonstra que, enquanto seres

da busca, nos encontramos sempre imperfeitos, inconclusos e condicionados por *situações limites* que atrofiam nosso próprio ser. Ou seja, em um mundo que desumaniza e atrofia a realização do *ser mais* não é somente o mundo que se torna desumano, mas as pessoas concretamente são atrofiadas e desumanizadas negando, assim, sua própria natureza. Neste contexto compreendemos a necessidade de pensarmos a educação como um processo ético e político que visa a luta permanente contra tudo o que nega nossa vocação para o ser mais e a utopia de uma libertação coletiva dos seres humanos a partir de estruturas que viabilizem nossas potencialidades para o ser sempre mais na convivência com todas as outras pessoas.

Me pergunto se a ética do mercado que prevalece hoje com ares de vencedora imbatível nos discursos e na prática político-econômica neoliberais se instalou para sempre contra a ética universal do ser humano. Me pergunto se o que sempre me pareceu ser a vocação ontológica do ser humano – o ser mais – de que tanto falei, é um discurso hoje incompreensível. Se a crítica, para mim absolutamente necessária à concepção mecanicista da história, em que, desproblematizado, o futuro é um pré-dado ou um dado dado é uma proclamação insensata; se deixamos de lado a inteligência da História como possibilidade que implica a responsabilidade ética do ser humano como ser da decisão, da ruptura, da opção (FREIRE, 2000, p. 108).

No seio dessa realidade acima descrita, que também é um fato concreto na história humana, ocorre a transgressão da ética, enquanto a própria negação do sentido humano de nossa intervenção no mundo rumo à humanização das relações históricas. Não é outra ética porque a própria natureza é uma exigência em si mesma de autoconstrução na história e não destruição de si e do mundo. Portanto, nossas decisões vão ser sempre decisões éticas, ou transgressoras da ética e, portanto, anti-éticas.

O inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade ética e resvalar para a negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade de

desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. (FREIRE, 1997, p.66).

A transgressão ética é uma possibilidade na história, mas jamais podemos aceitá-la como marca de outra vocação humana. Sua realidade efetiva em nosso mundo revela a desumanização que grande parte dos habitantes do planeta sofrem na atualidade. Mas tal realidade implica na própria negação da natureza humana. Diante desse fato, a nossa luta, enquanto co-autores da construção do mundo, deve ser pautada a favor da *eticidade* da vida humana em sociedade, que implica a resistência contra a desumanização e na construção de novas estruturas de organização do mundo. Enquanto seres eticamente comprometidos com a pessoa humana não podemos ficar indiferentes frente ao cenário atual de barbárie e exclusão social que marcam nossa época. O imperativo ético é agir a favor da transformação social. Esse é o desafio intrínseco à proposta política de libertação que deve partir dos oprimidos por que são os que mais sofrem as consequências sociais desumanizadoras.

Uma proposta ético-política e pedagógica de intervenção no mundo não tem sentido algum se não é pautada no resgate da *humanidade atrofiada* e negada em milhões de pessoas no mundo todo. A perversidade e a indiferença como são tratados os contingentes de seres humanos, que não fazem parte dos planos estratégicos dos sistemas econômicos e políticos hoje vigentes, demonstra a *transgressão ética* que se encontra escancarada nos quatro cantos do mundo. A defesa ética de nossa ação política passa pela recusa em aceitar as *ideologias fatalistas*, que reproduzem um determinismo histórico sempre justificador das práticas anti-éticas. Não podemos aceitar, em hipótese alguma a visão fatalista da história que quer nos imobilizar fazendo-nos perder a esperança diante do futuro social, político, cultural e histórico.

Daí a minha recusa rigorosa aos fatalismos quietistas que terminam por absorver as transgressões éticas em lugar de condená-las. Não posso virar conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-a por sua malvadez, ao atribuir a ‘forças cegas’ e imponderáveis os danos por ela causados aos seres humanos. (FREIRE, 1997, p.113).

A realidade histórica é produção dos seres humanos e não um *destino trágico* que estaria acima de nosso poder de alterá-lo. As consequências das decisões políticas devem ser eticamente avaliadas e não simplesmente justificadas através de argumentos fatalistas,

cientificamente falsos e ideologicamente perversos à inteligência humana em seus diferentes modos de perceber e significar o mundo.

A História como tempo de possibilidade pressupõe a capacidade do ser humano de observar, de conhecer, de comparar, de avaliar, de decidir, de romper, de ser responsável. De ser ético, assim como de transgredir a própria ética. Não é possível educar para a democracia, para a liberdade, para a responsabilidade ética na perspectiva de uma concepção determinista da História (FREIRE, 2000, p. 126).

3 – As implicações éticas na educação e na ação política

Ao partir do princípio de que “não há verdadeira política sem ética”, Freire lança duras críticas ao pragmatismo político que está por trás das realidades sociais desumanizadoras constitutivas de nosso mundo contemporâneo. Mas ele não fica em uma crítica abstrata. Além de mostrar os efeitos que a desumanização produz concretamente às vidas de milhões de seres humanos, suas análises problematizam sobre as causas que efetivamente produzem tais efeitos.

Nesse sentido, Freire faz uma crítica radical à ideologia embutida na globalização econômica neoliberal pela sua perversidade nos planos e métodos de “governar o mundo” e, igualmente, pela sua indiferença frente à *miséria humana* que esses planos “metodicamente” produzem. Por tais razões, o esforço de Freire é desmascarar a *malvadez* do capitalismo em sua cruzada essencialmente ideológica que prega o *fim das ideologias*, o fim da história sem abertura para outras formas de organizar a vida em sociedade. Mas, com o mesmo rigor, a proposta freireana é desafiadora frente à necessidade histórica de superar os sistemas político-econômicos opressores e essencialmente destrutivos da vida em sua lógica interna. (Streck: Redin; Zitkoski, 2016). Essa exigência, antes de ser política, é uma exigência

essencialmente ética à luz da proposta de uma *ética universal do ser humano que visa preservar a dignidade de toda pessoa e instaurar a justiça social*.

Na verdade, faz tão parte do domínio da ética universal do ser humano a luta em favor dos famintos e destroçados nordestinos, vítimas não só das secas, mas, sobretudo, da malvadez, da gulodice, da insensatez dos poderosos, quanto a briga em favor dos direitos humanos, onde quer que ela se trave. Do direito de ir e vir, do direito de comer, de vestir, de dizer a palavra, de amar, de escolher, de estudar, de trabalhar. Do direito de crer e de não crer, do direito de crer e de não crer, do direito à segurança e à paz. Uma das certezas de me acho certo, hoje, é que, se, realmente, queremos superar os desequilíbrios entre Norte e Sul, entre poder e fragilidade, entre economias fortes e economias fracas, não podemos prescindir da ética, mas, obviamente, não da ética do mercado (FREIRE, 2000. P, 129, 130).

A denúncia ética contra as realidades constitutivas do mundo desumanizado em que vivemos na atualidade, é objeto de inúmeras passagens nos escritos de Freire. Mas, por questões práticas, apenas destacaremos algumas que trazem dados significativos sobre a dimensão a que chegou o desrespeito e a agressão sistemática à dignidade da vida de grande parte da população mundial. Em seu livro *Pedagogia da Esperança*, Freire, citando o relatório de UNICEF, 1990, nos coloca:

Cerca de 30 milhões de crianças de menos de 5 anos morrem anualmente de causas que normalmente não seriam fatais em países desenvolvidos. Cerca de 110 milhões de crianças no mundo todo (quase 20% do grupo de idade) deixam de receber educação primária(...). Mantidas as atuais tendências mais de 100 milhões de crianças morrerão de doenças e desnutrição na década de 90. As causas dessas mortes podem ser contadas nos dedos (...). Morrerão ressequidas pela desidratação, sufocadas pela pneumonia, infectadas pelo tétano ou pelo sarampo ou asfixiadas pela coqueluche. Essas cinco doenças muito comuns, todas relativamente fáceis de prevenir ou tratar (...). (FREIRE, 1994, p.95).

Outra passagem que reflete a barbárie das políticas hoje em vigor no mundo que são mantidas pelos países líderes da globalização neoliberal, revela o seguinte:

Em nível internacional começa a aparecer uma tendência em aceitar os reflexos cruciais da ‘nova ordem mundial’, como naturais e inevitáveis.

Num encontro internacional de ONGs, um dos expositores afirmou estar ouvindo com certa frequência de países do Primeiro Mundo a ideia de que crianças do Terceiro Mundo acometidas por doenças como diarreia aguda, não deveriam ser salvas, pois tal recurso só prolongaria uma vida já destinada à miséria e ao sofrimento. (FREIRE, 1997, p.17).

Essa é a ideologia do *pragmatismo político* que, a partir de seus planos estratégicos elaborados para obter maior lucro possível nos negócios interplanetários, condena grande parte da população mundial ao “destino trágico” de morrer de fome, ou por doenças de simples cura, tal como uma diarreia. Para essa visão de mundo, o ser humano não tem valor, é um simples objeto de manobra que pode ser usado como qualquer animal, máquina ou instrumento de produção e acumulação de riquezas. Quando não serve mais para os “planos estratégicos” do acúmulo do lucro, é descartado e fica à mercê de sua própria sorte. Sabemos que no contexto atual com o progresso da informática aliada a tecnologia de produção grande parte dos seres humanos se tornarão irrelevantes sem espaço no mercado de trabalho. Perdem a condição de humanos de carne e osso e se transformam em estatísticas.

É a partir desses planos políticos estruturados na ótica da globalização neoliberal que ficam totalmente excluídos aproximadamente dois terços da população mundial. O fenômeno do desemprego estrutural é o exemplo clássico dessa exclusão, mas há outros métodos e formas sutis de exclusão, que descartam regiões inteiras dos planos político-econômicos.

Há uma exclusão total da África que, enquanto continente periférico e historicamente espoliado pelos europeus, não entra nos planos da organização de um mercado global. Outras regiões, como a América Latina, são tratadas como economias de “países emergentes” que, para competirem no mercado global, devem reestruturar-se à luz da lógica de competição internacional. Por essa razão, os países emergentes precisam seguir o receituário do Primeiro Mundo mesmo que isto represente a exclusão social de grande parte de seu povo.

Nessa direção que vem atuando a política neoliberal não há lugar para a *Ética Universal* do ser humano. Se há algum tipo de ética nesse sistema político-econômico é uma *ética menor*, como bem nos coloca Freire, que visa apenas ao lucro. Diante dessa realidade histórica, precisamos denunciar o *vazio ético* e a malvadez contra o ser humano intrínsecos aos modelos políticos neoliberais (FREIRE, 1997). Essa denúncia deve ser o ponto de partida

para o nosso compromisso ético-político de *reinvenção do mundo* através da política, da cultura, do conhecimento, da economia e da própria vida cotidiana (FREIRE, 1994). Podemos afirmar que nosso problema central na atualidade não é econômico nem técnico, mas essencialmente ético. As conquistas da ciência, da técnica e o aumento da riqueza global seriam suficientes para garantir bem-estar material e espiritual a todos os seres humanos da terra. Urge inaugurarmos um tempo alicerçado na ética e a partir desse fundamento construirmos uma outra lógica econômica que tenha o ser humano como prioridade.

Um primeiro aspecto da crítica de Freire à globalização neoliberal é o fatalismo embutido nela e sua força ideológica que visa a impor-se como a salvação do mundo todo:

A capacidade de nos **amaci**ar que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detém o poder (FREIRE, 1997, p.142-143).

Há uma profunda distorção, mas que é ideologicamente planejada, na forma de conceber a história como determinismo e não como possibilidade. Diante dessa visão de mundo fatalista não há outro caminho para o Brasil, México, Argentina, Chile e outros países periféricos a não ser adotar o caminho “imposto” pelos países do Primeiro Mundo. Mesmo que as realidades sejam profundamente diversas, e que cada economia se encontra em um estágio próprio de desenvolvimento, a globalização professa a necessária abertura de todos os países à livre concorrência mundial o que exige a privatização de empresas estatais e a diminuição radical de investimentos em políticas públicas capazes de garantir serviços eficientes e de qualidade para os mais pobres. Por trás desses planos, os mecanismos do sistema financeiro, articulados com os interesses estratégicos das economias centrais, passa a impor o ritmo desse processo perverso de concorrência desleal e ditam as regras para o *capital especulativo* fazer suas apostas deixando a maioria dos países periféricos cada vez mais frágeis e, por isso mesmo, “menos emergentes”.

A ‘andarilhagem’ gulosa dos trilhões de dólares que, no mercado financeiro, ‘voam’ de um lugar para o outro com a rapidez dos faxes, à procura insaciável de mais lucro não é tratada como fatalidade. Não são as classes populares os objetos imediatos de sua malvadez. Fala-se, por

isso mesmo, da necessidade de disciplinar a ‘andarilhagem’ dos dólares (FREIRE, 1997 , 163).

O fatalismo ideológico, embutido na ideologia neoliberal, demonstra, mais uma vez, a sua perversidade no abandono, exclusão e desvalorização dos seres humanos em relação ao mercado. O que for importante para a administração dos negócios e a obtenção de maior lucro possível não é concebido como fatalidade. Mas, o que tem relação à maioria da sociedade e se refere às consequências negativas da intervenção política da globalização é tido como algo determinado, necessário e impossível de alteração na história. Nesse sentido, o desemprego é visto como uma fatalidade de *fim de século*; a pobreza e miséria humana como um *destino da história*; as doenças e epidemias decorrentes da miséria são vistas como uma *seleção natural* e assim por diante.

Mas, o que está por trás desse discurso, e aqui vem o segundo aspecto da crítica de Freire, é uma *lógica perversa* que interpreta e planeja o mundo a partir dos princípios do mercado. A supervalorização do lucro e da riqueza em detrimento dos seres humanos em sua dignidade e valor que lhes são intrínsecos, demonstra um profundo vazio ético e/ou a defesa de uma *ética menor* invertendo a própria vocação da natureza humana. Eis a malvadez inerente à lógica do sistema capitalista em toda sua reprodução na história humana.

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos na verdade por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na história. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (FREIRE, 1997, p.144).

A superação política dessas condições históricas do mundo atual somente poderá ocorrer a partir da defesa radical da ética do ser humano. O processo de libertação política, econômica, cultural e social requer a fundamentação ética do processo libertador. A proposta freireana, nesse sentido, converge para a *Ética da Libertação* elaborada por Enrique Dussel, como um caminho sociocultural de reinvenção da vida em sociedade a partir dos oprimidos. É necessário recriar a cultura que constitui um mundo da opressão e, na maior parte das

circunstâncias históricas, é reproduzida por nós mesmos. Mas, essa exigência implica em fundamentar o ponto de partida ético não em teorias transcendentais (a exemplo da ética da modernidade), e sim a partir da realidade de opressão, ou de toda forma de exclusão que as populações do Terceiro Mundo sofrem em seu cotidiano diário.

Portanto, a denúncia da perversidade materializada concretamente nas diversas formas de exclusão dos seres humanos deve ter como base o compromisso ético-libertador de resgatar a humanidade que está sendo atrofiada em milhões de pessoas e essa é uma exigência radicalmente prática - que deve se traduzir em transformações concretas no cotidiano da vida em sociedade. Conforme o professor Brandão, o projeto que perpassa toda obra de Freire é o de “uma educação voltada amorosamente à vida e responsável por formar pessoas e grupos humanos cada vez mais comprometidos com o estender a consciência de sua responsabilidade ao todo de seu Mundo, a toda a Humanidade e a toda Vida existente em nossa casa comum: o planeta Terra” (Brandão, 2017, p. 131).

Algumas palavras para finalizar

Os desafios das propostas freirianas, consideradas no conjunto das reflexões que buscamos desenvolver acima, demonstram a fecundidade de seu pensamento originariamente inovador e libertário. Na raiz de suas propostas encontra-se uma pedagogia humanista e libertadora – que constitui-se de modo original e fecundo para discutirmos os tempos difíceis que vivemos no mundo atual - enquanto base fundante de um projeto de sociedade livre e democrática e de uma civilização humanizadora do mundo e gentificadora das estruturas sociais. É uma pedagogia que não representa mero projeto, mas já está sendo construída por inúmeras experiências sociais emancipatórias que vivenciam nas relações sociais uma cultura democrática alicerçada no diálogo, uma economia solidária comprometida com a sustentabilidade ecológica e a justiça social e também uma cultura dos direitos humanos que prima pela defesa incondicional da dignidade de todas as pessoas. É a pedagogia libertadora como uma obra coletiva e partilhada, porque aberta ao novo e às diferentes culturas em suas formas criativas de organizar a vida tendo na solidariedade e justiça social seu núcleo central. Para que essas novas formas de organizar a vida em sociedade na perspectiva da ética universal do ser humano se efetivem é imprescindível a

junção da educação como formação científica e formação ética. Na concepção de Freire educação e formação ética são inseparáveis. A educação é ética e política ou não educação humanista libertadora comprometida com nossa vocação de ser mais.

A única forma de nos realizarmos em nosso projeto de seres inacabados e vocacionados para o ser mais é efetivarmos um projeto ético capaz de dar conta das urgências humanas em tempos sombrios. O progresso civilizacional se mede justamente pelo aumento da sensibilidade para o outro e pela nossa capacidade de construir um mundo onde caibam todos os seres humanos, convivendo fraternalmente na justiça e no respeito a todas as culturas que contribuem para a humanização dos humanos. Alcançamos nossa maturidade ética no desenvolvimento dessa consciência universal de respeito a pessoa humana e tudo o que está relacionado a sua realização.

Este breve texto desenvolveu uma reflexão sobre a ética de Paulo Freire e sua contribuição na luta pela libertação coletiva dos seres humanos. Ao trabalharmos essa temática foi preciso falar de situações de opressão, injustiças e a necessária luta histórica para a superação destas estruturas que proíbem o ser humano de ser mais. Ao analisarmos nossa história nos deparamos com diferentes formas de tiranias, mas por outro lado as lutas de resistência. Diante das injustiças sempre cultivamos o sonho de justiça; frente a escravidão o horizonte de liberdades; ao silêncio imposto pelo opressor o desejo de dizer a palavra e pronunciar o mundo. No final a confiança que a ética é uma força maior que todas as tiranias e condição para construirmos um mundo verdadeiramente humano. Para finalizar essas reflexões, trazemos um pequeno texto de Brecht que poeticamente se aproxima do

projeto freireano e sua utopia de uma ética universal do ser humano comprometida com a justiça social e com o respeito incondicional a dignidade de toda a pessoa humana.

Elogio da dialética

A injustiça avança hoje a passo firme;
Os tiranos fazem planos para dez mil anos.
O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são
Nenhuma voz além da dos que mandam
E em todos os mercados proclama a exploração;
isto é apenas o meu começo.

Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem
Aquilo que nós queremos nunca mais o alcançaremos.

Quem ainda está vivo não diga: nunca
O que é seguro não é seguro
As coisas não continuarão a ser como são
Depois de falarem os dominantes
Falarão os dominados
Quem pois ousa dizer: nunca
De quem depende que a opressão prossiga? De nós
De quem depende que ela acabe? Também de nós
O que é esmagado que se levante!
O que está perdido, lute!
O que sabe ao que se chegou, que há aí que o retenha
E nunca será: ainda hoje
Porque os vencidos de hoje são os vencedores de amanhã.

Bertolt Brecht (1982. p. 71).

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire: uma vida entre aprender e ensinar**. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

BRECHT, Bertolt. Elogio da dialética. Tradução de Edmundo Moniz. In: EBRECHT, Katharina. **Antologia poética**. Seleção e tradução de Edmundo Moniz. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elo Editora, 1982. p. 71.

DUSSEL, Enrique. **Ética de la Liberación**. IN Ética do Discurso e Filosofia da Libertação - Modelos Complementares. São Leopoldo : Unisinos, 1994.

_____ **O Encobrimento do outro**. Petrópolis : Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo : Paz e Terra, 1993.

_____ **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1994.

_____ **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo. : Paz e Terra, 1997.

_____ **Pedagogia da indignação : Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

STRECK, Danilo. REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autentica, 2016.